

PERCEPÇÕES DA CIDADE: BREVE REFLEXÃO À LUZ DAS SALAS DE CINEMA EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS (1950-1960).

Resumo

Este trabalho foi desenvolvido a partir das discussões e reflexões advindas da disciplina intitulada “Tópicos especiais em Cultura, Memória e Identidade”, no Programa de pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe, durante o primeiro semestre de 2016, cujas indagações foram feitas principalmente sobre questões envolvendo a cidade. Ao refletir sobre a mesma, algumas inquietações surgiram e por isso, buscamos realizar uma análise, ainda que inicial, das relações estabelecidas entre as salas de cinema e a cidade, partindo do caso singular de Palmeira dos Índios, cidade do interior de Alagoas. O cinema que se fez presente de maneira mais intensa nos anos 1950 e 1960 na referida cidade será um dos alvos deste artigo e, para tanto, este escrito foi norteado pela ótica de alguns teóricos como Gordon Cullen, Ana Fani, Sandra Pesavento, Eder Donizeti, dentre outros que possibilitam concatenar ideias que se interligam dentro do contexto da cidade, no que concerne a história. Procuramos por meio deste, elencar alguns pontos que, por vezes, podem evadir o historiador, mas que regem grande contribuição para o objeto em questão.

Palavras-chave: Cinema; Cidade; Palmeira dos Índios.

Abstract:

This work was developed from the discussions and reflections from the discipline entitled "Special Topics in Culture, Memory and Identity", in the Graduate Program of the Federal University of Sergipe, during the first half of 2016, whose inquiries were made mainly about issues involving the city. In reflecting on it, some concerns arose and for this reason, we seek to carry out an initial analysis of the relations established between the cinemas and the city, starting from the singular case of Palmeira dos Índios, a city in the interior of Alagoas. The cinema that was present more intensely in the 1950s and 1960s in the city will be one of the targets of this article and for that, we will guide this writing from the perspective of some theorists like Gordon Cullen, Ana Fani, Sandra Pesavento, Eder Donizeti, among others that make it possible to concatenate ideas that interconnect within the context of the city, as far as history is concerned. We try by means of this, to list some points that sometimes can evade to the historian, but that govern great contribution for the object in question.

Maria Viviane de Melo Silva (Autor)
Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE

Submetido em SET/2020.
Aceito em OUT/2021.
Revisado em OUT/2022.
Publicado em NOV/2022.

INTRODUÇÃO

O estudo sobre a cidade pode nos possibilitar diferentes caminhos, tanto ao olhar da arquitetura quanto ao olhar da história. Neste trabalho, decidimos realizar uma breve reflexão sobre a cidade de Palmeira dos Índios e os elementos que a constituíram, partindo do olhar do cinema, mais especificamente das salas de cinema e de como estes espaços mantinham relações com a sociedade e se configuravam dentro da cidade. Não se fará, momentaneamente, um levantamento e análise profunda no quesito de alguns termos da arquitetura, em detrimento de algumas compreensões que, por enquanto, não alcançam esta pesquisa.

As linhas que cruzam cinema e cidade são notadamente percebidas em diferentes níveis de trabalhos acadêmicos produzidos ao longo dos últimos anos¹. A reconstrução de uma memória cinematográfica nos leva a perceber como o cinema, em seus diferentes níveis e lugares, alcançou uma determinada parcela da população que depositava nele momentos de seu convívio social. Assim, o cinema possibilitava uma forma de contato com outras pessoas, sendo um ponto de encontro que ia além de uma simples diversão.

Adentrando no quesito posto em análise, apontamos, inicialmente, o cinema e a cidade como campos que se interligam, discutindo sobre seus feitos e tentando compreender que o mesmo pode ser considerado como um personagem cidadão. Seguiremos denotando alguns aspectos de cunho mais particular, onde a relação entre cinema, cidade e memória serão contempladas, discutindo sobre as salas de cinema também enquanto lugar de memória para ilustrar melhor as reflexões advindas.

Posteriormente, procuramos direcionar os escritos sobre a cidade nos referindo às percepções, sensações e outros pontos que são relevantes para alavancar ainda mais a problemática proposta. Ao enveredar sobre questões relacionadas às ruas, lugares da cidade e

¹ Dentre os trabalhos produzidos que envolvem essa temática, destacamos: LUZ, Aylla Maria Caminha. **Cine Spark: Memória, Lazer e Sociabilidade em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970**. 88F. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2012. MAYNARD, Andreza. Um príncipe russo em Itabaiana: cotidiano e cinema na década de 1930. IN: Dilton Cândido Santos Maynard (ORG). **Getempo: Memórias de uma coluna de internet**. Macapá: UNIFAP, 2015. MOURA, Flávia Danielly de Siqueira Silva. **Cenas de uma cidade sensível: O cine Bandeirante como espaço de lazer e sociabilidades em Santa Cruz do Capibaribe – PE**. 139F. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Campina Grande: Campina Grande, 2014. SILVA, Cristiano César Gomes da. **Um Agreste moderno? Ecos da modernidade e instituição de signos modernos na cidade de Belo Jardim entre 1953- 1978**. 169F. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2004.

outros quesitos que interferem numa abordagem mais significativa, buscou-se estabelecer uma ponte entre história e arquitetura de forma mais peculiar, desvendando e interligando os campos que as constituem.

O cotidiano e as relações postas em conformidade com as construções onde funcionaram as antigas salas de cinema em Palmeira dos Índios, também foram alvo de nosso trabalho, tentando investigar como se dava os aspectos da cidade em função da existência do cinema. Visto que este artigo é fruto de uma pesquisa em desenvolvimento, muitos são os desafios que a mesma nos proporciona, mas que, a priori, nos ajudará a responder algumas indagações.

DESENVOLVIMENTO

1. A cidade e o cinema: Algumas reflexões.

O cinema, em sua essência, constituiu-se no cenário tido como urbano. Tanto em relação ao espaço quanto à própria temática de abordagem dos filmes, a cidade sempre esteve presente no universo cinematográfico. Partindo de um ponto ligado muito mais ao urbanístico, a existência de salas de cinema durante a segunda metade do século XX era comum, tornando-as um local frequentado e desejado por muitos. Marc Ferro menciona que “ir ao cinema é uma escolha” (FERRO, 2004, p.2) e assim, compreendemos que tal escolha também se relaciona com o lugar no que concerne ao seu aparato físico.

Partindo de uma seletividade, sabemos que nem todos os lugares são agradáveis ou nos chamam atenção para que possamos visitar. Alguns locais são expositivos e te convidam a abraçá-lo, outros nos convidam para entrar e, sendo assim, o cinema enquanto espaço tinha os seus elementos peculiares para chamar atenção do público ou se fazer um lugar frequentado em grande esfera. “Os prazeres da noite não se esgotam com a experiência de assistir a um filme, no mais das vezes trata-se de uma atividade de grupo, raramente as pessoas vão ao cinema sozinhas (...) O espectador do cinema observa porque a imagem em si mesma é sedutora, maior do que a vida, um objeto de desejo.” (TURNER, 1997, p. 110-112).

Entendendo o cinema como um gerador de práticas sociais, percebemos não apenas os filmes, mas a capacidade que eles tinham de seduzir o público, colocando elementos e cenas numa realidade maior, chamando a atenção do espectador. A atração do cinema também estava presente nas salas de exibição, pois a experiência de ir àquele lugar, sendo sozinho ou acompanhado (na maioria das vezes), perpassava pela ótica de ser ambiente propício ao

encontro com os amigos, paqueras e outros, influenciando, assim, o convívio social entre as pessoas na cidade.

Sabemos que todas as cidades, em algum momento, passaram por alguma transformação. A lógica das funções que cada local tende a desempenhar, inevitavelmente implica em alterações em detrimento dos objetivos assumidos pela mesma. A conjuntura que existe em determinado local e faz parte do mesmo, nos leva a um pensamento mais intenso sobre as relações estabelecidas das construções com o meio. A exemplo disto, podemos citar um exemplo que ilustra bem quando nos é colocado que:

A presença do mercado serviu também para abastecer os hotéis, pensões e hospedarias, que necessitavam de grande quantidade de alimentos para prepararem as refeições dos hóspedes. Desta forma, o mercado foi incorporado à vida cotidiana da rua com muita facilidade, pois o tipo de atividade nele exercida refletia muito bem a maneira como a rua era utilizada, além de tornar-se, com o passar dos anos, um dos principais “personagens” da cidade. (SILVA, 2011, p. 61)

Refletindo sobre isso, seria então o cinema um personagem da cidade? Sendo personagem, ele poderia admitir funcionalidades diversas, ainda que fosse um local conhecido meramente para a exibição filmica, as relações estabelecidas ou o papel que ele desempenhava poderia alcançar esferas grandiosas tendo em vista o próprio contexto citadino em que ele se localizava. A presença ou ausência de determinado lugar exhibe suas diferenças e particularidades de cada cidade, desvendando as nuances que ocorrem no coração da mesma.

Entretanto, não se pode afirmar que as salas de cinema desempenhavam a mesma função em todos os lugares. Especulações são feitas em conformidade com os elementos que se assemelham, mas os núcleos urbanos têm diferenças e essas também se inserem no uso dos lugares e na importância ou não que o mesmo pode ter para as pessoas de determinada região. A exemplo disso, na cidade do Prata, interior de Minas Gerais, “o cinema², ao ser instalado na cidade de Prata, proporcionou à sociedade da época, entrar em contato com os hábitos de outras culturas, como por exemplo, o vestuário, os grandes bailes de gala, as músicas que eram ouvidas, e procurava assimilá-los adaptando-os à sua realidade.” (JUNQUEIRA, 2010, p. 121)

A interferência provocada pelo cinema gerava na cidade uma movimentação que acontecia naturalmente, tendo em vista a época e as possibilidades que se tinha em torno dele.

² Refere-se ao Cine Prata em Minas Gerais. Sobre o assunto, ver em JUNQUEIRA, Ivanilda Aparecida Andrade. Tempo de lazer: cinema e cultura popular no cotidiano pratense na segunda metade do século XX. *IN*: Newton Dângelo (ORG). **História e Cultura popular: saberes e linguagens**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

Cada lugar na cidade desempenha seu significado e por conseguinte, interfere nas relações sociais da mesma. Morar, trabalhar, circular e divertir: conceitos urbanísticos no planejamento (Choay,1997) cada local tinha de se ter objetos que faziam parte do significado do universo urbano e entre as décadas de 1930 e 1960, o cinema tinha um espaço comumente ligado a uma das principais maneiras de lazer, dentre outras funções assumidas. Sobre o cinema em Pernambuco, Silva menciona que:

Era neste local que boa parte das pessoas da cidade se encontravam, um point para a juventude, um espaço de lazer e diversão para crianças, (quando o conteúdo dos filmes permitia a sua presença) homens, mulheres, idosos, ricos, pobres, intelectuais, analfabetos e outros. (SILVA, 2014, p.20).

Dentro desse viés, iremos nos remontar a uma análise mais específica sobre essa relação entre o cinema e a cidade, mergulhando no campo da percepção e nas influências que o mesmo teve no cotidiano da cidade, possibilitando diferentes abordagens e concepções que vão desde à edificação até o campo das sensações e emoções provocadas por estas e que remetem ao espaço, percebendo os laços estabelecidos com alguns lugares da cidade por intermédio deste.

2. Percepções e memória da cidade

Os usos dos lugares citadinos nos direcionam a um caminho longo e por vezes subjetivo, mas sabemos que “A produção do espaço não é casual, mas resultante de uma lógica advinda de práticas e formas de apropriação de um local por certo grupo social em uma determinada época.” (SILVA, 2011, p.114). Os espaços não são casuais, em toda a sua amplitude há um contexto envolvente que objetiva a existência do mesmo, bem como seu crescimento, durabilidade, entre outros fatores.

Durante a década de 1950, o Brasil passava por um período de forte transformação no setor industrial e nos avanços modernos. “Juscelino foi, dentre todos os presidentes eleitos da experiência democrática dos anos 1946-1964, aquele que mais se destacou como homem público de ação. (...) Resumia seu governo com ideias de movimento, ação e desenvolvimento.” (FERREIRA, 2003, p.157). A década de 1950, representou dentre tantas coisas, avanços em diversos setores, incluindo a propagação de salas de cinema em diversas cidades do interior.

Nesse sentido, o cinema foi algo que na época, alcançou de maneira mais intensa a cidade de Palmeira dos Índios – AL, tendo sua popularização mais notória nessa época. Durante 1950 e 1960, ela tinha cerca de três cinemas: O Cine Palácio, inaugurado em 1956; o Cine

Moderno (antigo ideal), instalado também durante a década de 1950 e o Cine São Luiz, que passou a funcionar no início da década de 1960. No entanto, com os avanços da TV no Brasil e sua infiltração nos lares das famílias brasileira, muitos cinemas perderam bilheteria e em 1980, Palmeira dos Índios já não possuía mais sala de exibição cinematográfica e a época do cinema findou-se até os dias de hoje, restando apenas a lembrança.

As construções onde um dia funcionaram tais salas de cinema ainda persistem na cidade, tendo agora um outro objetivo. São lojas, apartamentos, enfim, tomaram outra direção. Seguindo a linha de pensamento de Viollet-le-Duc apontada por Choay (1997) onde a cidade precisa ser usada e transformada em face da possibilidade de ir à frente no que chamamos de modernidade, estes feitos assumiram outros papéis que outrora não remetem mais a um ambiente tipicamente direcionado ao cinema.

As transformações ocorrem nas cidades de forma inevitável e por assumir outras funcionalidades, determinados espaços perdem consigo alguns traços. A exemplo disto, uma pessoa que vivenciou ou acompanhou o tempo do cinema em Palmeira, pode olhar para o prédio e reviver algumas lembranças de experiências tidas em determinado lugar. O que não ocorreria com alguém que não possuiu uma relação com aquele local, inevitavelmente, pois cada cidade é vista e percebida no seu tempo pelos atores (pessoas) que fazem parte do mesmo.

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. (NORA, 1981, p. 7).

A questão pontuada por Pierre Nora sobre os “lugares de memória” pode nos remeter a um resguardo memorial dos tempos do cinema na cidade já mencionada, mas também nos conduz a uma indagação: Será que tais lugares ainda afloram a memória daqueles que foram espectadores do momento? As percepções dos lugares do cinema, mesmo com a perda original de sua função, ainda dizem alguma coisa sobre as décadas de 1950 e 1960? Analisaremos a seguir uma ótica singular que poderá nos responder ou nos apontar caminhos, mesmo que de forma limitada a essa questão.

2.1. Cidade: entre sensação e revelação.

Dentro deste campo, faz-se necessário recorrer às palavras de Cullen (1971, p.9) para enaltecer melhor o que pretendemos abordar “A cidade é algo mais do que o somatório de seus habitantes é uma unidade geradora de um excedente de bem-estar e de facilidades que leva a maioria das pessoas a preferirem, independentemente de suas razões, viver em comunidade a viverem isoladas.” Esse ‘algo a mais’ que Cullen nos mostra evidencia diversos pontos que coexistem na cidade e proporcionam essa vivência comunitária, uma espécie de estar só estando junto e vice-versa, desmistificando os variados elementos que se relacionam e fazem a cidade ser reconhecida como tal.

No que concerne ao pensamento de Cullen, muitas podem ser as sensações e emoções ocasionadas pelo meio-ambiente e pela própria cidade. Para tanto, ele menciona alguns aspectos que devemos considerar na leitura da cidade, onde é importante analisar o local e o conteúdo. O primeiro ponto diz respeito às nossas sensações e reações diante da posição que ocupamos em um determinado espaço no local. O outro relaciona-se com outras partes que constituem a cidade e englobam sua cor, textura, enfim, tudo aquilo que vai individualizá-la.

Fazendo essas observações é possível identificar quais reações, sensações ou emoções sentimos ao nos depararmos com certo local. Esse quesito também é abordado por Ana Carlos (1997, p.27) ao mencionar que “o urbano é mais do que um modo de produzir, é também um modo de consumir, pensar, sentir, enfim, é um modo de vida.” Remete-nos a um pensar na cidade de maneira diferente, não apenas com seus elementos físicos, mas com os sons, cheiros e tantas outras coisas que também fazem parte do imaginário da cidade e que por vezes torna-se imperceptível ou irrelevante a muitos.

Avaliar ou analisar a cidade por meio desses aspectos também requer outra questão. O que formaria, afinal, uma cidade? Ainda na concepção de Ana Carlos (1997), na capa do livro, é relatado que “A cidade é um amontoado de prédios? Uma série infindável de carros? Um barulho, às vezes ensurdecedor, misto de buzina, motores de veículos, gritos de ambulantes? Sim, é isso. Mas é também a relação do homem com a natureza e do homem com o homem” (CARLOS, 1997). Ao elencar um conjunto de desígnios do que vem a ser uma cidade e compactuando com esse ideal, torna-se válido tentar compreender as diferentes nuances que perpassam na construção de uma cidade, não apenas denotando seu sentido visual, mas aquilo que também é peculiar e que pode revelar muito sobre a mesma.

As revelações transmitidas em seus variados âmbitos sobre a cidade, também nos faz retomar à Sandra Pesavento quando menciona sobre a interligação que se tem entre a rua e a

sociedade assim como as transformações advindas em torno desta, uma vez que a dinâmica da vida cotidiana também se insere no espaço da rua, assumindo posturas que se vinculam a ela, pois “a rua é um local de passagem, sem dúvida, mas também de encontro e de troca.” (Pesavento, 1992, p.64). As relações que se tem entre rua e homem, diga-se de passagem é muito mais ampla do que o simples passar ou caminhar por ela, porém é importante destacar que esse laço pode durar um tempo do qual nem sempre notamos.

2.2 Percepções do Cinema na cidade.

Ao analisar os aspectos discutidos até aqui, colocamos em evidência alguns elementos que visam ilustrar as discussões que estabeleceram ao longo dessas páginas. Referindo às sensações da cidade e percebendo algumas categorias que nela estão inseridas, vamos nos remontar para uma reportagem do Jornal “Tribuna do sertão” no ano de 1997 (de 04 à 10 de agosto). Trata-se de uma Reportagem Especial intitulada “Cinemas em Palmeira” que remonta aos tempos em que a cidade possuía cinema. No entanto, isso não é o mais relevante e sim a maneira como ela é construída em detrimento das percepções da rua e do espaço da cidade onde um dia já funcionou cinema. Vejamos:

Caminhando pelo calçadão da Rua Fernandes Lima e quando passava, exatamente, em frente ao prédio, onde um dia foi o Cine Palácio, de propriedade do Sr. Itamar Mendonça Malta, me lembrei daquele estabelecimento em outra época. Aquela edificação de portas fechadas e sem as características que identificam uma casa de exibições cinematográficas, era, na verdade, o oposto da movimentação festiva dos tempos idos. (TRIBUNA DO SERTÃO, 1997)

Autor da matéria, Ivan Bezerra de Barros, recorda do tempo do cinema na cidade de Palmeira dos Índios. A memória que atua no presente e remete ao passado, foi acionada pelo local, pela percepção de uma edificação cujo modelo foi alterado, mas que ainda guarda alguns traços, não tanto de cunho físico, mas sim emocional. Um conjunto de sensações que possuem um significado específico para os que tiveram, no século passado, alguma relação com as salas de cinema. “É como centralizadora e protetora dessa influência sagrada, que a Arquitetura deve ser considerada por nós com a maior seriedade. Nós podemos viver sem ela, e orar sem ela, mas não podemos rememorar sem ela.” (RUSKIN, 2008, p. 54)

Ainda que nem todos que passam por aquele estabelecimento venham a rememorar sua ida ou qualquer outro traço que os ligassem ao espaço, aquela rua e aquele edifício guardam

“memórias” que são despertadas em diferentes contextos assim como tantos outros locais podem possibilitar lembranças e recordações, uma vez que “através da memória, eles³ podem repensar suas representações ao longo do tempo, como compreendem o espaço urbano e quais são suas expectativas” (SOUZA, 2009, p. 69).

Pensando naquele lugar que um dia foi o cinema, a reportagem se dá pela rememoração de algumas salas de cinema que existiam na cidade, além da que foi mencionada. Discorre uma página inteira da reportagem sobre os cinemas, programação, enfim, que nos levam a perceber a relação daquele espaço com a cidade, com as pessoas da época. Tal feito, faz-nos refletir sobre o que alguns autores mencionados colocam e de como suas reflexões servem de embasamento e nos permitem perceber aquilo que está nas linhas e que por vezes, achamos que estão escondidos ou nas entrelinhas, mas estão ali, saltando aos nossos olhos à espera de um olhar mais fixo e penetrante.

O caráter sofisticado, para a época, também era motivo de um certo destaque, pois no Jornal “Tribuna do Sertão” de 4 à 10 de agosto de 1997, foi colocado: “No ano de 1956, quando se inaugurou a casa de espetáculos, Palmeira ganhava uma das mais belas edificações do gênero do Estado de Alagoas, quiçá, no Nordeste.” O ambiente além de contar com suas atrações e exibições filmicas também se fazia atrativo por sua estrutura e é inegável que muitas vezes somos condicionados aos lugares pela beleza que pode nos transmitir, nos “convidando a entrar”.

O Cine Palácio encontrava em sua estrutura um ponto de atração que não se igualava aos outros dois cinemas, Cine Moderno e São Luís, que funcionavam na cidade durante a mesma época, possuindo assim, seu estilo peculiar que aplacava o contexto urbano daqueles que se interessavam em ir assistir os filmes nas telas de cinema, especialmente num período onde a efervescência cultural deste se fazia tão forte no Brasil, tendo na sua estrutura um motivo relevante para seus frequentadores.

3. O cotidiano citadino por intermédio do cinema.

Muitos são os horizontes que estão inseridos dentro do lugar denominado cidade. Suas transformações, percepções diferentes em cada momento que causam um certo imaginário provocador, vão desvendando alguns dos múltiplos significados urbanos. Sendo assim, o cinema mostra-se relevante pelo papel desempenhado como um difusor de práticas sociais e culturais,

³ Referindo-se aos indivíduos.

mas por seu estilo próprio, característico de estruturas físicas que compeliavam para seu desenvolvimento.

Neste universo extenso e complexo que é a cidade, a rua, um micro-espço e ao mesmo tempo relacionada ao todo, é capaz de mostrar através de seus prédios como se viveu e sobreviveu em cada período da história da cidade, simplesmente porque os edifícios foram, indiscutivelmente, a representação construída das ações humanas. (SILVA, 2011, p. 115)

Os prédios que um dia foram cinemas podem ter perdido sua funcionalidade e muitos nem sequer sabem de sua existência. O cinema já não mais existe em terras palmeirenses, porém, suas edificações ainda se fazem presentes e estas podem ser meios de percepção que evocam memória, lembranças de um tempo que ainda persiste na sobrevivência. A cidade é um complexo que abarca variadas difusões e dentre elas, as relações estabelecidas no cotidiano geram uma movimentação na mesma e por isso, perceberemos como o cinema interfere nas relações sociais e como algumas manifestações típicas da cidade ocorrem em torno dele.

Muitas peças foram desenroladas nas ruas onde se tinha cinema. Os fatos vivenciados na cidade, conseqüentemente, passam pelas ruas nas quais esses são inseridos e tal contato abrigava percepções, sensações e formas de se viver que eram intrinsecamente voltadas para aquele ambiente. Toda cidade é possuidora de um cotidiano que nela se estabelece e o mesmo vai configurando os modelos de cidade que se tem e vice-versa. A existência ou não de certos núcleos urbanos, tal como foi em Palmeira dos Índios, ou qualquer outro lugar, em épocas específicas, foram geradores de uma performance de cidade que, indubitavelmente, foi sofrendo alterações como o passar do tempo.

Quando Cunha Filho (2006, p.226) diz que “A velha cidade morre para deixar nascer a nova cidade” confere o sentido das alterações que ocorrem ou podem ocorrer em qualquer meio urbano, tendo em vista as inovações que vão se perpetuando em torno da mesma, conferindo um status novo que por conseguinte, tem ligações inevitáveis na construção do cotidiano.

Calvino (1999, p.14) nos coloca que a cidade é feita a partir das relações entre as medidas do espaço e os acontecimentos do passado. Notamos como esta é constituída por diversos aparatos que nos fazem identificar detalhes e pontos culminantes para entendê-la como um objeto que requer uma análise sistemática podendo ser construída desde o viés arquitetônico tanto quanto histórico, ou ainda cruzando os limiares dos dois elementos que se complementam, cada um com sua especificidade, mas que comungam em pontos traçados entre si.

Se o cinema era um ponto de encontro na cidade, um local para assistir filmes ou admitia qualquer outro significado, ele proporcionou diferentes concepções em torno de uma sociedade que se ligava ao mesmo. Desde sua edificação até o que se estabelecia dentro e ao em torno dela, um local sempre abriga mais do que paredes. São histórias, memórias e um arcabouço de situações que vão sendo vistas por meio de olhares mais fixos em que nenhum ponto pode ser desvalorizado, mas que ao tentar analisar, em algum momento, algo sempre pode nos escapar e esses escapes são deixados para encenar outros capítulos.

CONCLUSÃO

Muitas são as prerrogativas suscitadas quando nos referimos à cidade. Podendo ser analisada em variados campos de abordagem que vão se complementando ou mostrando novas maneiras para o pesquisador. Tentar refletir sobre tal feito, nos ajudou a entender não apenas algumas possíveis relações entre lugares e a cidade, como no caso do cinema, mas abriu um leque de possibilidades que propiciam um entendimento da cidade por diversos meios, não apenas no cenário estético, mas em outros fatores que também fazem parte da mesma.

Ao elencar a cidade sob à luz das salas de cinema, percebemos quantos meios se fazem presentes e de como podemos interligá-los, trazendo à tona questionamentos, afirmações e cruzamentos que são relevantes tentar compreender como as relações sociais se desdobram em função da cidade e dos elementos existentes nela, a exemplo das salas de cinema. Olhar a cidade requer atenção e cuidado, pois não é uma tarefa tão simples justamente por se permitir mergulhar em espaços que se antes pareciam rasos, tomam outras proporções de cunho profundo.

O cinema, que pode ser estudado dentro de diferentes vieses, nos possibilitou adentrar em alguns ritmos da cidade colocados por ele, contribuindo de maneira significativa para ampliar os diferentes meios de abordagem sobre locais que são classificados como urbanos e que analisar e pesquisar sobre as cidades, em decorrência de suas transformações ou não, possuem diversos caminhos que podem ser trilhados. O que vai ser encontrado nela depende de como as pessoas se apropriam disso e de como querem caminhar sobre ela.

REFERÊNCIAS

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo: utopias e realidades uma antologia**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

Cinemas em Palmeira: Especial. **Jornal Tribuna do Sertão**. Palmeira dos Índios. De 04 a 10 de agosto de 1997.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

CUNHA FILHO, Paulo C. In: Angela Prysthon (Org.) **Imagens da cidade: Espaços urbanos na comunicação e cultura contemporâneas**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

FERRO, Marc. **O conhecimento histórico, os filmes, as mídias**. Oficina Cinema-História 2004. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/Artigos.html>. Acesso em 12/04/2016.

JUNQUEIRA, Ivanilda Aparecida Andrade. Tempo de lazer: cinema e cultura popular no cotidiano pratense na segunda metade do século XX. *IN*: Newton Dângelo (ORG). **História e Cultura popular: saberes e linguagens**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

LUZ, Aylla Maria Caminha. **Cine Spark: Memória, Lazer e Sociabilidade em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970**. 88F. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2012.

MAYNARD, Andreza. Um príncipe russo em Itabaiana: cotidiano e cinema na década de 1930. *IN*: Dilton Cândido Santos Maynard (ORG). **Getempo: Memórias de uma coluna de internet**. Macapá: EdUNIFAP, 2015.

MOURA, Flávia Danielly de Siqueira Silva. **Cenas de uma cidade sensível: O cine Bandeirante como espaço de lazer e sociabilidades em Santa Cruz do Capibaribe – PE**. 139F. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Campina Grande: Campina Grande, 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História PUC-SP: São Paulo-SP**, 1981

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O espetáculo da rua**. Editora Universidade: UFRG, 1992.

RUSKIN, John. **A lâmpada da memória**. Trad. Maria Lucia Bressan Pinheiro. Cotia- São Paulo: Ateliê editorial, 2008.

SILVA, Eder Donizeti da. **A história contada através da arquitetura de uma rua**. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011. 124 pg. (Coleção Identidades Culturais, n.7).

SILVA, Cristiano César Gomes da. **Um Agreste moderno? Ecos da modernidade e instituição de signos modernos na cidade de Belo Jardim entre 1953- 1978.** 169F. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2004.

SOUZA, Willian Eduardo R. de, CRIPPA, Giulia. **A cidade como lugar de memória: mediações para apropriação simbólica e o protagonismo cultural.** Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/72/74>. Acesso realizado em 05/04/2016.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social.** São Paulo: Summus, 1997.

